

Recordo-me de ter lido, em qualquer velha revista ou jornal, uma história, apresentada como verdadeira, de um homem — chame-mos-lhe Wakefield — que esteve ausente, durante muito tempo, longe da mulher. O facto, referido de uma forma tão abstrata, não é muito invulgar, nem deve ser condenado como maldoso ou absurdo, sem um devido esclarecimento das circunstâncias. No entanto, mesmo longe de ser o mais grave, talvez constitua o exemplo mais estranho de que há registo nos anais da delinquência marital, sendo, além disso, a aberração mais notável que se pode encontrar na lista completa das

singularidades humanas. O casal vivia em Londres. O marido, a pretexto de ter de partir em viagem, foi morar numa rua contígua à da sua própria casa, e aí, sem que a mulher e os amigos o soubessem e sem sombra de uma justificação capaz de explicar esse exílio voluntário, permaneceu mais de vinte anos. Durante esse período, contemplava a sua casa todos os dias e, com frequência, a desamparada senhora Wakefield. E, após um tão grande hiato na sua felicidade conjugal, quando a sua morte foi dada como certa, os seus bens repartidos e o seu nome apagado da memória, e depois de a esposa há muito, muito tempo, se ter resignado à sua viuvez outonal, certo dia, ao entardecer, transpôs a porta, tão tranquilo como se se tivesse ausentado apenas por um dia, e tornou-se um esposo dedicado até à morte.

Este esboço é tudo de que me recordo. Mas o incidente, mau grado a sua originalidade absoluta, o facto de não ter precedentes

e, provavelmente, nada de subsequente que se lhe assemelhe, creio que faz apelo à generosidade e à compaixão dos seres humanos. E, embora cada um de nós saiba que nunca cometeria uma loucura semelhante, sente que alguns dos outros poderiam fazê-lo. Pelo menos, no decurso das minhas reflexões, esta história veio-me muitas vezes à mente, suscitando surpresa, embora acompanhada pela convicção de que é verdadeira e de que transmite a noção da personalidade do herói. Sempre que um assunto se grava no espírito com uma tal intensidade, o tempo que se passa a pensar nele é bem empregado. Deixemos que seja o leitor a fazer a sua própria reflexão, se assim o desejar; ou, se preferir divagar comigo ao longo dos vinte anos que durou o capricho de Wakefield, seja bem-vindo; e estou convencido de que haverá uma essência dominante e uma moral, ainda que não consigamos encontrá-las, habilmente dispostas e condensadas na última frase.

A reflexão tem sempre a sua eficácia, e qualquer acontecimento que nos toque encerra a sua moral.

Que género de homem era Wakefield? Somos livres de formar a nossa própria ideia e de lhe atribuir um nome. Estava no apogeu da vida; a sua afeição conjugal, que nunca fora violenta, havia-se atenuado e convertido num sentimento calmo e rotineiro; de todos os maridos, é provável que fosse o mais constante, porque uma certa letargia mantinha-lhe o coração em repouso, fosse o que fosse que o ocupasse. Era dado à reflexão, mas não de uma forma ativa; o seu espírito entregava-se a longas divagações indolentes, desprovidas de objetivo ou de vigor para o alcançarem; era raro os seus pensamentos terem energia suficiente para se apoderarem de palavras. A imaginação, no verdadeiro sentido do termo, não fazia parte dos dons de Wakefield. Com um coração frio, ainda que não corrompido nem errante, e com uma

mente onde nunca fervilhavam pensamentos dissolutos e onde nada de original produzia perplexidade, quem poderia ter imaginado que o nosso amigo se iria habilitar a um lugar proeminente entre os praticantes de excentricidades? Se alguém tivesse perguntado aos que o rodeavam que homem consideravam ter menos hipóteses, em Londres, de realizar uma coisa num dia que fosse recordada no dia seguinte, todos teriam pensado em Wakefield. Só a sua esposa fiel teria hesitado. Sem ter analisado a sua personalidade, pressentia um egoísmo oculto que lhe corroera a mente inativa, uma espécie de vaidade peculiar (o seu atributo mais desagradável), uma predisposição para a astúcia que raras vezes produziria resultados mais concretos do que guardar pequenos segredos que quase nem valia a pena revelar e, por último, aquilo a que ela chamava uma ponta de singularidade, por vezes, no bom homem. Esta última característica, indefinível, talvez fosse inexistente.